10.11606/issn.2318-8863.discurso.2022.200501

A semana de 22 – Entrevista com Luiz Felipe de Alencastro. Por Joana Barossi e Pedro Paulo Pimenta

PP: Você poderia dar uma ideia sucinta do que o levou a escrever esse seu texto sobre a *Semana da Arte Moderna*[1]?

LFA: Foi um convite da Aracy Amaral e da Heloísa Teixeira de Barros, feito antes da pandemia, para escrever um capítulo do livro que elas estavam organizando para a exposição do Museu de Arte Moderna. Eu fiquei um pouco hesitante, mas quis aproveitar a oportunidade para retomar alguns temas com os quais trabalho há algum tempo. Um deles é essa ideia de que o Atlântico Sul é uma realidade muito mais pertinente do que o conceito de América Latina. Isto, incluindo o Rio da Prata, não apenas nas relações Brasil-África. Trata-se de uma realidade que existe desde o século XVII, e que vai se prolongar pelo século XXI, tendo inclusive um presente, por exemplo nas propostas de moeda única com a Argentina e do Mercosul. América Latina só começou no Brasil depois da Proclamação da República. Não existia essa ideia nem pelo lado brasileiro, que era uma monarquia lusófona, nem pelo lado dos teóricos doutrinários latino-americanos, que eram todos hispanófonos e republicanos e não queriam saber da monarquia brasileira (que era o cavalo de

Tróia da política europeia). E aliás, também não queriam saber do Haiti, que era uma república negra. Há, inclusive, um artigo de Leslie Bethell sobre este assunto[2].

Quem estuda a América Latina não costuma estudar a África. Então eu vi a oportunidade de retomar esse tema do Atlântico Sul justamente no momento histórico em que a África tinha desaparecido do horizonte. A questão da África voltaria a ser discutida apenas no final do século XX, com a independência dos países da África portuguesa, e hoje está presente novamente. Mas houve, de fato, um eclipse que vai de meados do séc. XIX, com o fim do tráfico de escravizados, até o momento da independência de Angola e Moçambique e o fim do apartheid na África do Sul, com a visita de Mandela etc. Eu fiz um artigo sobre isso, inclusive.

Voltando à questão do Atlântico Sul, trata-se sobretudo da emergência da rivalidade argentina, que surpreendeu o Brasil. Esta foi a terceira grande surpresa

---

[1] Luiz Felipe de Alencastro. "A Semana de Arte Moderna: platinofilia e nacionalização do mercado de trabalho em São Paulo". In: Amaral, A. A.; Barros, R. T. de (org.). *Moderno onde? Moderno quando? A Semana de 22 como motivação*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2021, pp. 19-30.

[2] Leslie Bethell. "O Brasil e a ideia de 'América Latina' em perspectiva histórica". *Estudos Históricos*, vol. 22 (44), pp. 289-321, julho-dezembro 2009.

do fim do séc. XIX: a primeira sendo a emergência da Alemanha, que assustou a Europa Ocidental inteira; a segunda, a emergência do Japão que, ao vencer a Rússia numa guerra, também assustou a Europa, o Pacífico, e particularmente os Estados Unidos. Numa escala menor, a terceira é essa emergência da Argentina, e sobretudo de Buenos Aires como rival do Rio de Janeiro. Acredito que tanto Paris quanto o modelo argentino estavam presentes na Semana de Arte Moderna. E isso é importante, pois como influência para a reforma urbana e sanitária do Rio, é sempre citado o exemplo da Paris do Barão Haussmann, esquecendo-se do modelo argentino. E a imprensa da época fala muito claramente de como o desenvolvimento de Buenos Aires estava na escala das possibilidades brasileiras. O *Correio Paulistano*, um jornal republicano, diz explicitamente que não daríamos conta de imitar Paris, mas poderíamos fazer algo como foi feito em Buenos Aires. Isso vale para o Rio de Janeiro também, por isso que eu incluí no meu texto o Lima Barreto.

Então, esse é o primeiro ponto: a reforma urbana não apenas do Rio, mas também a de Santos, que leva uma pancada com a emergência do Rio de Janeiro. O segundo ponto é sobre como isso coincide com a mudança radical na sociedade brasileira, com o que chamo de uma metabolização do mercado de trabalho. A reprodução da mão de obra que vai para os setores de ponta da agricultura (concretamente, a fronteira do café em São Paulo e no Paraná) vem do Nordeste, e não mais da Europa, muito menos da África, como era o caso até 1850. Acho esse contexto fundamental, e por isso mesmo utilizo o livro do Oswald de Andrade, *Marco Zero*[3], pois ele registra bem essa mudança. E depois, uma colega com quem trabalho, Anaïs Fléchet, me chamou a atenção para algo que eu lamento não ter citado no artigo: o quadro *Operários*, da Tarsila do Amaral, só poderia ter sido pintado em São Paulo. Lá tem chinês, japonês (tem o Warchavchik, aliás, que veio da Ucrânia), tem negro, tem gente da Europa Oriental, muçulmano, nordestino, enfim… aquilo não poderia ser o Rio de Janeiro de maneira nenhuma. Porque no Rio, o estrangeiro é essencialmente português. Então, essa mudança da identidade brasileira gerada pela metabolização do mercado de trabalho, na qual os nordestinos vão para o Brás e esbarram nos japoneses, isso só acontecia em São Paulo. É a característica paulista do modernismo.

Aproveito para dizer que, nessa polêmica com o Ruy Castro, o José Miguel Wisnik, defendendo São Paulo, fala muito do "*boom* do café". O que passa totalmente batido é o outro lado do mercado de trabalho que eu mostrei no romance do Oswald, mas poderia ter mostrado em outras obras da época produzidas em São Paulo, e que está ausente do Rio. Não é apenas o "*boom* do café", é simplesmente que São Paulo congrega brasileiros do Brasil inteiro,

[3] Andrade, Oswald de. *Marco Zero I: A revolução melancólica*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

assim como estrangeiros dos três continentes: os dois que já estavam aqui, da Europa e da África, mas também os asiáticos. Não há imigração japonesa no Rio de Janeiro. Então eu acho que essa polêmica entre os dois é duplamente provinciana, porque trava a discussão sobre o modernismo numa rivalidade Flamengo e Corinthians, sem tomar em conta a dimensão brasileira e internacional do evento.

PP: Qual a relação entre essa dinâmica da imigração e o que aparece na *Semana de 22*, se não como um programa, ao menos como um movimento?

LFA: Havia, evidentemente, e talvez tenha sido isso que ressurgiu nessa discussão recente, uma rivalidade entre Rio e São Paulo. A primeira era a capital federal, a segunda, uma cidade ainda meio provinciana, mas cujo espaço de autonomia foi largamente ampliado pelo federalismo brasileiro instaurado pela República. Daí, inclusive, a analogia com a província de Buenos Aires. O federalismo argentino combinava melhor com a situação de São Paulo, pois acabava com o centralismo que beneficiava o Rio. Tanto assim que a República Velha começa com a alcunha de República dos Governadores, do Campos Sales. Essa situação vai aumentar o peso específico de São Paulo. Mas, afinal de contas, o centenário da independência é festejado no Rio, é lá que estavam as embaixadas, e é também lá que houve a Exposição Internacional[4]. Então, a originalidade de São Paulo não é fictícia, mas concreta, e é justamente o resultado dessa imigração internacional, que já havia sido uma opção do Estado desde o final do Império, e que depois é sobrepujada pela migração nordestina. Isso era o cotidiano da intelectualidade paulista. A hospedaria dos imigrantes no Brás passa a receber não mais italianos, mas nordestinos, como foi o caso ao longo dos anos 40. Hoje ela se tornou um museu[5]. E isso aparece também no romance do Oswald, nessa reunião do Sindicato de Construção Civil em Santos, onde o Warchavchik era arquiteto-engenheiro da reforma do Porto de Santos, trabalhando para a firma do Roberto Simonsen, em seu processo de modernização.

Nessa mesma época, já começa a emergir o romance nordestino, que é o segundo modernismo, mas se integra também nessa realidade paulista. Eu busquei apontar no meu texto como a palavra "nordestino" era relativamente recente, tendo sido dicionarizada apenas em 1933, poucos anos antes de Oswald escrever *Marco Zero*. A palavra "Nordeste" é de 22. Então, de repente você tem um tipo sociológico presente ao lado de japoneses, comunistas espanhóis, húngaros, todos numa reunião sindical em Santos. É a nova Babilônia. No livro, é descrita essa cena fantástica dos japoneses e italianos

[4] Exposição Internacional do Centenário da Independência, realizada no Rio de Janeiro entre 7 de setembro de 1922 e 23 de março de 1923.

[5] Museu da Imigração do Estado de São Paulo, localizado na sede da extinta Hospedaria dos Imigrantes, na Rua Visconde de Parnaíba, 1316, no bairro da Moóca.

desembarcando sem saber que estavam chegando no Brasil, pensando que era Buenos Aires, e levados primeiro de trem, depois de carro-de-boi, até uma senzala da qual os escravos tinham acabado de sair. Isso é um processo que só acontecia nessas dimensões em São Paulo, um pouco em Campinas e em Santos, mas não no Rio de Janeiro. Lá, o que se compara é *O Cortiço*, do Aluísio Azevedo. É o Gerônimo, o português que vai para a fazenda de café do Vale do Paraíba e depois foge para o cortiço, se misturando com a mulata, com o pessoal brasileiro. Mas não tem asiático, não tem italiano.

Então, essa crítica do Ruy Castro a uma artificialidade paulista é falsa. E a defesa que o Wisnik faz da excepcionalidade paulista é fraca, pois ela não toma em conta a mudança da cara da cidade e do Estado.

E essa mudança ainda aparece como uma coisa extravagante em 1967, quando o Delfim assume o Ministério da Fazenda no Rio de Janeiro. Ao assumir, ele levou a sua equipe da USP (o Paulo Iokota, o Airo Ikeda, o Carlos Antônio Rocca e o Afonso Celso Pastore). Vou me permitir reler para vocês essa entrevista que ele deu em 2021: "No Rio era o seguinte: "chegou esse gordo italiano e vesgo, nós vamos matá-lo em seis meses, está certo? E além de tudo ele traz uns animais estranhos, uns japoneses"[6]. Ele está falando aí da burocracia carioca e do governo federal com relação a São Paulo, mais de quarenta anos depois da Semana de Arte Moderna. A ideia de que os japoneses faziam parte da identidade brasileira já havia sido assimilada pela USP, mas não pela burocracia do Rio de Janeiro. O Delfim fala isso de maneira um pouco grosseira e caricatural, mas o registro é interessante. Era inconcebível para aquela burocracia que houvesse no Ministério da Fazenda japoneses – que não são japoneses, são brasileiros!

Mas eu coloco esse registro do Delfim logo no começo do meu texto. E no *Marco Zero*, o Oswald de Andrade assume um tom totalmente racista com os japoneses, diz inclusive que todos eram espiões. Isso tem a ver com o fato de que a imigração japonesa era uma imigração oficial, e se falava muito sobre haver planos de se criar a base de uma colônia japonesa no Brasil que desse o pretexto para uma invasão. Importante notar que na época, o Japão era fascista, enquanto o Oswald era comunista. E ele escreve, falando de um militante do Comintern, o Leonardo Nessa, que: "Em Buenos Aires, numa reunião de comitê da Terceira Internacional, haviam lhe mostrado um mapa da ocupação estratégica do Brasil pelo imigrante amarelo. Só o governo ignorava. Havia até um almirante na localidade de Sete Barras. Espiões educados, outros transformados em pescadores ou em peritos de agricultura, penetravam nos escritórios e nas casas, levantavam mapas do litoral e do interior"[7]. O japonês aparece nessa literatura de esquerda como quinta coluna, mas no quadro da Tarsila, como operário. De qualquer modo, ele é parte integrante da realidade paulista.

Houve, então, um racismo anti-japonês muito perene no Brasil, mas que

[6] Alencastro, "A Semana de Arte Moderna", p. 3.

[7] *Idem*.

foi combatido pela ascensão social dos japoneses. Eu me lembro que havia uma novela da Globo chamada *Brega e Chique*, e lá a personagem da Gloria Menezes tirava sarro de uma amiga que ia mudar do Rio pra São Paulo, dizendo "você vai pra São Paulo morar num lugar chamado Itaim Bibi, e vai se casar com um japonês!". O Gushiken, que era deputado do PT na Câmara, interpelou a Globo no Congresso. Na mesma época, frequentemente passava nos *Trapalhões* coisas de um racismo contra os negros de dar cadeia em qualquer país civilizado, e ninguém protestava. Sem falar na homofobia, no machismo etc. Mas os negros especificamente eram vítimas sistemáticas de racismo nos *Trapalhões.* E isso passava numa boa. Então, o processo de assimilação descrito no Modernismo, apesar de muito lento, está retratado e aparece ao vivo.

Portanto, não é apenas a imigração, mas a variedade desses imigrantes, e notadamente, pela primeira vez uma imigração asiática em massa. E isso, então, é o que vai dar essa distinção para São Paulo. E neste sentido, o polo de comparação mais imediato não era nem a Bahia, nem Curitiba, mas Buenos Aires. Esta era uma outra grande metrópole que estava surgindo como maior cidade latino-americana, ultrapassando o Rio de Janeiro e, consequentemente, também São Paulo. Ela tinha o maior porto, era a cidade mais rica, e era também a mais europeia, porque lá a imigração era similar à dos Estados Unidos. É bom lembrar que, nos E.U.A., onde havia uma imigração católica importante formada pelos irlandeses, o primeiro presidente católico foi o Kennedy, que vinha de Boston, uma base irlandesa forte. Lá havia italianos de diversas proveniências, havia irlandeses, o catolicismo era a segunda religião, mas havia uma barreira à ascensão de católicos, que só foi rompida pelo Kennedy.

Então, São Paulo vai *tentar* emular Buenos Aires, que aparecia como uma cidade totalmente moderna. E houve também um impacto no Rio de Janeiro, que ficava parecendo uma velha cidade colonial, e fez toda aquela destruição urbana da reforma de Pereira Passos. Havia também a questão sanitária, para a qual o Lima Barreto chama a atenção, sobre como a febre amarela, que em São Paulo era endêmica, estava espantando a imigração, e neste sentido, a cidade tinha muito mais interesse em se modernizar do que o Rio de Janeiro, para sobreviver como polo de atração da imigração. O Rio não era mais a fronteira do café, e o federalismo havia permitido que São Paulo financiasse sua própria política de imigração, começando inclusive a captar a migração nordestina.

Mas o ponto é perceber como Buenos Aires era esse outro modelo e rival, numa relação de amor e ódio. Quando eu mandei esse texto para uma amiga e ex-aluna, que é argentina e dá aula na UFF, ela disse: "poxa, então houve um tempo em que eles nos admiravam!". E de fato, havia essa fascinação por Buenos Aires como não houve por nenhuma outra cidade americana. Pois Nova Iorque estava claramente fora de escala, afinal, ninguém ia fazer um arranha-céu de cem andares, mas essa modernização meio "afrancesada" em terras sul-americanas, aqui do lado, era em Buenos Aires.

Eu devo chamar a atenção também para o fato de que na época não havia o Canal do Panamá. Então, para ir ou voltar do Pacífico, seja da Ásia ou da Costa Oeste dos Estados Unidos, era preciso passar pelo Cabo Horn e pelo Rio de Janeiro, e as comunicações entre Buenos Aires e o Rio eram muito mais simples. Havia imigrantes espanhóis que ficavam trabalhando no Brasil até a colheita do trigo, que é uma colheita de verão na Argentina, iam para lá, onde eram muito mais bem-pagos, e depois voltavam. Eles eram chamados *los golondrinas* pois, assim como as andorinhas, seguiam o verão: entre julho e agosto, no verão do Hemisfério Norte, eles iam fazer a colheita do trigo na Europa, e em janeiro e fevereiro, na Argentina. Nesse meio-tempo, às vezes paravam aqui. Portanto, havia uma movimentação entre o Brasil e a Argentina que era maior do que se costuma imaginar.

JB: Você poderia comentar o tema dessas relações de trabalho extremamente precarizadas? Afinal, esses imigrantes chegam aqui e encontram uma organização com aspectos coloniais. Essa relação de trabalho era também distinta na Argentina?

LFA: Evidentemente que aqui era muito pior, vide a cena descrita pelo Oswald em que os imigrantes iam trabalhar com capatazes que eram, até a véspera, chamados de feitores. Esses capatazes utilizavam chicotes, os imigrantes iam morar nas senzalas, que tinham barra de ferro etc. Isso tudo é muito patente em Campinas, pois tratava-se de uma zona de produção açucareira, escravista, que depois fez a transição para o café e rapidamente se tornou um polo de imigração. Note-se que, até o final do século XIX, Campinas era maior do que São Paulo, além de mais próxima do Rio, o que levava parte da imigração também para lá. Os transportes de mula cortavam por cima, onde hoje é a Rodovia Dom Pedro I, e depois houve ainda a estrada de ferro.

Então, aqui havia uma relação muito mais violenta do que na Argentina. Mas lá essas relações também eram muito violentas, e eu cito um massacre de judeus que aconteceu em Buenos Aires, com estupros, queimas de lojas etc. E esse massacre ressoou muito mal com a imigração em geral, não apenas entre a comunidade judaica.

Há um diálogo incrível no Oswald, no qual, após o protesto de um trabalhador negro, o capataz diz: "tá com saudade da senzala, desgraçado?!". E tem um outro momento, também no *Marco Zero*, em que o personagem diz, com um típico sadismo escravista: "Antigamente, quando um porco penetrava no pomar, o coronel dizia ao feitor Idílio – Mate o porco! – Mas o colono arrecrama! – Mate o colono!"[8]. Isso é piada de salão paulista, de dono de fazenda de café! Uma dessas piadas que correm gerações. Eu ouvia o meu avô, que era fazendeiro em Goiás, dizer que tinha um dos seus vaqueiros que tomava o café tão quente, que ele cuspia e o cachorro saía ganindo. Isso me impressionou muito na minha infância.

[8] Alencastro, "A Semana de Arte Moderna", p. 13.

Só depois é que eu fui descobrir que é uma história contada em várias famílias, seja em Minas Gerais, no Mato Grosso, no Paraná… E isso é o tipo da piada que podia existir aqui em Higienópolis, desses rentistas que têm fazenda. Era o meu avô dizendo, "'mate o porco!', 'o colono reclama', 'mate o colono!'".

O Antônio Cândido criticava o livro do Oswald dizendo que as ideias são boas, mas que trechos como este são literariamente mal formulados. Mas é interessante chamar atenção para isso. Por exemplo, a crise dessa família Formoso, que é uma coisa exemplar de São Paulo, vem dela ter sido atingida, por volta da década de 30, por dois fatores que teriam parecido totalmente ultraterrestres. O primeiro deles é a crise de 1929, que vai derrubar os preços do café, sendo também a primeira crise que vem do setor financeiro e chega na agricultura, já que antes era o contrário: eram as secas, pragas e queimas do café que causavam as ruínas. Neste caso não, tratava-se de uma especulação que deu errado em Nova Iorque, e de repente não havia mais ninguém que comprasse café do outro lado do mundo. Aí o personagem diz: "puta que o pariu! O que tem a Fazenda Formosa com Nova Iorque?!". E o outro fator é o Ministério do Trabalho, que foi fundado em 1930 para regulamentar as relações trabalhistas. Num dado momento, a mesma personagem diz para uma outra: "vai reclamar com o Ministro do Trabalho!". Isso não havia antes, era um abuso do governo federal se intrometer nessas relações trabalhistas. Essa intromissão se dava pela lei de sindicalização, pela legislação trabalhista etc. E ele diz ainda: "além de comunista, é ingrato, porque se dirige ao Ministério do Trabalho! O que é que está pensando?".

Esses eventos todos, que ocorrem tanto na escala internacional quanto na federal, vão afetar São Paulo com uma intensidade para a qual o estado não estava preparado. A oligarquia paulista tinha se preparado mais do que todas as outras oligarquias brasileiras, e com muito mais sucesso, para o fim da escravidão. Ela já tinha se movimentado para ter imigrantes que pegassem na enxada quando não entrassem mais africanos e morressem os escravos negros que estavam aqui. Foi ela quem financiou a imigração. Mas essa oligarquia paulista ficou desorientada com a Crise de 29 e com a Revolução de 30. Ela não tinha previsto, aliás, ninguém tinha, e ficou totalmente desarmada. Então, a Semana de Arte Moderna anuncia 32 também, no sentido em que apresenta um desacerto da realidade de São Paulo, uma dessintonia com a realidade nacional e do governo federal, e essa dessintonia toma uma dimensão militar em 32.

Há de se considerar ainda que Buenos Aires tem uma quebra de outro tipo em 1930, e eu até cito no começo do artigo um texto[9] sobre como o declínio de Buenos Aires e da Argentina, que é o único caso de regressão econômica que não foi causado pela guerra, é uma coisa surpreendente. A Argentina é o único

[9] Lucas Llach. "Rica, pero no tan moderna: Argentina antes de la Depresión". *Desarrollo Económico*, 60 (231), 2020, pp. 153-179.

país que entrou e logo depois saiu do Primeiro Mundo. Isso é um choque para Buenos Aires, que deixou de ser um modelo logo em seguida, enquanto São Paulo, por sua vez, tomou outro rumo.

PP: Como fica a questão da intelectualidade no Brasil e na Argentina?

LFA: O Sérgio Miceli assinala que Buenos Aires era muito mais cosmopolita do que São Paulo e Rio de Janeiro, por causa da migração de outros países latino-americanos. Notadamente do Chile – por exemplo, Pablo Neruda, Gabriela Mistral, Alfonso Reyes –, mas também os franceses, como o Saint-Exupéry, além da revista *Sur*, da Victoria Ocampo. E lá ele diz que os modernistas brasileiros não tinham muita abertura para experimentações de outros países latino-americanos. Mas depois, me disseram que isto não está correto, pois havia muito mais trocas do que imaginamos. O Mário de Andrade, por exemplo, nunca viajou, mas tem uma correspondência intensa. Mas a Argentina também foi um modelo intelectual. O Raul Antelo andou estudando isso também, e acredito que ele inclusive editou a correspondência do Mário de Andrade[10]. Enfim, o fato é que havia um intercâmbio maior do que eu imaginava.

Eu não sou especialista em literatura, muito menos em modernismo, mas quis apenas chamar atenção para a dupla dimensão que estava escapando ao debate. Esse texto foi escrito antes da discussão entre Ruy Castro e Wisnik, mas ela já estava no horizonte. Eu já tinha ouvido falar dessas questões, como o fato de o Villa-Lobos ser carioca, o Graça Aranha etc. Tudo isso já circulava, mas essa polêmica ainda não estava posta. De qualquer maneira, me pareceu que escapava a ideia da importância de Buenos Aires para o Rio também, mas sobretudo para São Paulo. E principalmente, faltou notar essa fusão étnica criada pelo mercado de trabalho, que ocorreu *somente* em São Paulo. Não é no Paraná, não é em Belém do Pará… Isso é como falar de uma literatura do ciclo da borracha em Belém sem tomar em conta o que estava ocorrendo naquela época de preeminência da borracha amazônica no Brasil e no mundo. Então, não é apenas o *boom* do café, é muito mais do que isso, são as relações sociais geradas pelo *boom* do café, o enriquecimento dessas famílias paulistas etc.

Me contaram uma história de que o Caio Prado, quando foi visitar Buenos Aires, foi recebido pela oligarquia local, e ele achou que a família Prado e seus congêneres paulistas eram uns caipiras pobres! Um dia desses, mencionou-se aquele Ministro da Economia da Argentina do tempo da ditadura, José Alfredo Martínez de Hoz. Ele era de uma família que ficou tão rica com terras e gado no fim do séc. XIX, que inventaram um clube onde só se falava inglês. Os pais dele, inclusive, se mudaram para a Inglaterra. Construíram um palácio, aí veio o Perón, nacionalizou e transformou em

[10] Antelo, R. *Correspondência: Mário de Andrade e Newton Freitas*. São Paulo: Edusp, 2017.

hotel para os sindicalistas. Então, quando esse sujeito vira Ministro da Economia na ditadura, ele quer desmontar o Estado argentino por puro ódio familiar ao peronismo. Isso, então, é uma coisa que marginalmente também tem um paralelo com São Paulo.

JB: Como fica a Semana de 22 em vista do que acontece depois do *crash* da bolsa, do Getulismo etc.?

LFA: Quanto a isso, os críticos literários estão de acordo que há a emergência do romance da seca, e a migração para o sul vira uma temática nordestina. Isso aparece claramente em *Vidas Secas* e em Graciliano Ramos, o que é chamado de Segundo Modernismo. E o Nordeste vai se reorganizar, com o Gilberto Freyre redigindo aquele manifesto regionalista, que teria sido, ao que parece, antedatado. Mas o que ocorre é toda uma reorganização da singularidade nordestina, que irá produzir *Menino de Engenho*, *Vidas Secas*, e o próprio *Casa Grande e Senzala*, no qual está subjacente a ideia de que quem resolveu o problema da unidade nacional foram as relações apaziguadas (e não "pacíficas") entre senhores e escravos do engenho nordestino.

Há três ideias sobre a unidade brasileira, o que aliás é muito pouco discutido. Porque no caso da Argentina, havia o Vice-Reino da Prata, que depois da independência tentou se tornar um país autônomo criando a Confederación del Rio de La Plata, e deu com os burros n'água, pois acabou em Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia. E isso então é um problema que os argentinos discutem sem maiores "complexos", a questão de como a unidade nacional Argentina é tardia, já que ainda por cima há esse conflito entre Buenos Aires e o interior, com Córdoba e o federalismo. No Brasil isso não se discute, Cabral descobriu o Brasil formado, junto com o estado do Acre, Tocantins etc. Ele descobre o pacote todo! E a ideia de fragmentar um Vice-Reino Português nem se coloca, enquanto os quatro Vice-Reinos Espanhóis viraram dezenove países, assim como a América britânica e a América francesa. Só a colônia portuguesa não se fragmenta, e aqui ninguém discute o porquê. A ideia de uma identidade argentina é um debate mais recente, não se discute isso no séc. XVIII como se discutia no Brasil. E tampouco há esse ensimesmamento, essa coisa autocentrada que tem no Brasil, achar que desde a descoberta todo mundo era brasileiro, e queria viver junto, e a corte só estava esperando a oportunidade de vir para o Brasil, o Rio de Janeiro era um lugar maravilhoso… É toda uma mitologia que é criada em torno disso, que não existe na Argentina.

Eu ia dizendo que havia três projetos de unidade brasileira. O primeiro é o do Varnhagen, que diz que a coroa imperial é que mantém o Brasil unido (ele foi pago para escrever isso no séc. XIX). Em seguida, o Capistrano de Abreu diz que o que mantém o Brasil unido é o Rio São Francisco, o rio da unidade nacional, é o sertão, o gado, o comércio transfronteiriço. Depois, vem o Caio Prado e diz que não, o que mantém o Brasil unido é o café, e o Celso Furtado, dizendo que, na verdade, o café *deu dinheiro* para o Estado Brasileiro, mas o

que criou o Brasil foi o ouro de Minas Gerais. É esta também a conclusão do Antônio Cândido em *Formação da Literatura Brasileira*, que apareceu em 1959, mesmo ano de *Formação Econômica do Brasil*.

Nesse quadro, o Gilberto Freyre vem com uma explicação, que depois vira ideologia – com as outras isso não era possível… a do Varnhagen até podia virar ideologia, mas a monarquia acabou, e as do Capistrano e do Caio Prado não foram muito adiante. No caso do Gilberto Freyre, ele vai lidar com uma interpretação do conflito racial brasileiro que vai servir também para o Império Português, a partir da qual se cria, em Portugal e um pouco na França também, uma dialética entre o sucesso do luso-tropicalismo e a perenidade dessa ideia de democracia racial.

Enquanto isso, a Semana de Arte Moderna não interpreta, ela anuncia uma nova realidade, sem interpretá-la como um modelo do futuro do Brasil. É um registro dessa singularidade paulista, que depois vai impregnar o Brasil, mas ela própria não tem essa dimensão. Nem mesmo na própria cidade, que continuou, no quarto centenário da sua fundação, em 54, homenageando o Borba Gato, os Bandeirantes, e todo esse besteirol que a gente vê até hoje. Eu digo besteirol, porque oculta-se o caráter genocida dessa empreitada das Bandeiras. Todos depois viraram nomes de autoestrada, rua, praça, monumento…

PP: E quanto ao Sérgio Buarque de Hollanda?

LFA: O Sérgio tem um trabalho muito importante de desmistificação das Bandeiras, uma pesquisa que aparece em *Monções e Capítulos de Expansão Paulista* e *O Extremo Oeste*[11], os dois livros dele que tratam do assunto. Mesmo que tenha vivido pouco tempo na Alemanha, ele tem uma cultura muito mais internacional, muito mais aberta. E ele não era de uma família paulista, como diz a música do Chico, *"O meu pai era paulista, / meu avô, pernambucano, / o meu bisavô, mineiro, / meu tataravô, baiano…"*. Enfim, isso tudo dá uma coisa muito forte.

Mas toda essa geração, incluindo aí o Caio Prado, estava persuadida de que o Brasil era assim "porque é assim, e acabou". Eles não questionaram a fundo o porquê da unidade nacional brasileira, nem o porquê dessas relações raciais terem funcionado aqui e naufragado dentro de uma semana em Angola, depois da independência. Pois eles foram criados com a ideia de que os portugueses eram colonizadores diferentes dos outros, mais adaptados à vida dos colonizados, sendo que o Gilberto Freyre até teorizou sobre isso. Quando vem a independência de Angola, acontece da mesma forma que no Congo Belga, no Quênia, em toda parte. Lá eles chamam "Independência 24/24": você tem vinte e quatro horas para sair com a valise de vinte e quatro quilos, pouco importa se está aqui desde

[11] Holanda, Sérgio Buarque de. *Monções e Capítulos de Expansão Paulista.* São Paulo: Companhia das Letras, 2014; *Idem. O Extremo Oeste*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

o séc. XVI ou se chegou a três anos, é "cai fora!". Mudam os nomes das cidades, da capital do país, enfim, tudo muda muito rapidamente.

E enquanto tudo isso acontecia, em 1974 esses intelectuais brasileiros estavam lúcidos, ainda eram ativos, e não há reação deles sobre isso. No caso do Sérgio Buarque e do Caio Prado, ainda por cima eram de esquerda, e pagavam um preço alto por isso. Mas não repensaram o Brasil a partir da descolonização de Angola. O único que repensou foi o Gilberto Freyre, e isso para dizer que, no fundo, o negócio do mulato não era tão essencial, e havia uma crioulização que incorporava os brancos… enfim, deu uma pirueta para falsificar o que ele tinha escrito antes sobre a perenidade do colonialismo português, e isso lhe rendeu, inclusive, um elogio do Salazar.